

O CONTATO DO CAVALO NA EMBOCADURA

Este é um capítulo difícil de ser descrito com regras exatas e definidas pois depende muito de várias situações, tais como: de que maneira o cavalo foi domado, qual a sua conformação de pescoço e dorso, qual o seu temperamento e as suas características (lerdo ou enérgico, pesado ou leve, etc.).

O ideal no trabalho de contato seria "o cavalo procurar o apoio leve nas mãos do cavaleiro, e a estas garantir a sua atitude".

Tentar impor uma colocação artificial de cabeça ocasionará uma falsa posição e ao mesmo tempo a "quebra" da terceira vértebra, que seria o ponto mais alto do pescoço, logo atrás da nuca.

Existem vários métodos para se conseguir o contato correto e natural, isto é: um apoio leve e equilibrado nos dois lados da embocadura, chanfro à frente da vertical, pescoço arredondado, boca, ganachas, nuca e pescoço descontraídos.

Alguns métodos aconselham começar o trabalho já com contato de mãos resistindo contra o movimento ascendente, ao mesmo tempo que o assento e pernas solicitam este apoio – Outros métodos indicam que se deixe as rédeas mais livres no início, para que o cavalo com o tempo procure apoio nas mesmas.

Existe verdade em ambos os casos, mas o importante é saber "quando e o quanto se conserva o contato e quando e o quanto se cede".

O ato de conservar o apoio ou ceder pode acontecer em momentos diferentes, de acordo com o nível, tipo de cavalo ou momento.

Além de analisar como é o contato do cavalo (leve ou pesado), verificar qual é o grau de vontade que ele tem de ir para frente, sem que apresente rigidez , desequilíbrio ou dor.

"Certos cavalos precisam primeiro ser encostados na mão para depois se descontraírem; outros terão que ser descontraídos primeiro, para depois procurarem contato".

Para compreender isto, é preciso saber a noção do que é "impulsão", pois muitas pessoas a entendem erroneamente.

"A impulsão consiste em ter o cavalo, nas três andaduras, usando sempre a mesma energia e atitude, sem o auxílio exagerado das ajudas".

Deve-se imaginar um cavalo solto em liberdade ou no exterior – também se pensarmos no passado, os cavaleiros nas guerras necessitavam de cavalos ágeis e impulsionados quando era preciso defender a vida.

O desenvolvimento das andaduras naturais é um tema que também não tem regras rígidas. Certos cavalos nascem com os andamentos amplos, com cadência natural e equilíbrio que mesmo sob o peso do cavaleiro conservam a qualidade dos mesmos. Outros tem andaduras amplas, mas não tem bom equilíbrio e sob o assento do cavaleiro, se defendem jogando o peso sobre as espáduas.

Outros ainda, pela sua conformação, elevam demais os anteriores, não avançando o suficiente. Há também cavalos com andaduras rasteiras e picadas, junto com espáduas contraídas. Em todos estes casos, deve-se examinar como funciona o dorso do cavalo sob o peso do cavaleiro.

É preciso encontrar a "atitude e o ritmo" que se deve trabalhar. Alguns em movimentos mais amplos, onde encontram mais equilíbrio; outros com menos amplitude inicial, para melhor equilíbrio, passando progressivamente à extensão das andaduras, sem prejuízo da cadência adquirida.

O trabalho de aquecimento deve ser feito normalmente na seqüência de "Passo, Trote elevado e Galope" - alguns cavalos necessitam de mais tempo no trabalho ao passo para melhor a descontração, outros precisam de mais tempo ao galope para soltar a musculatura das costas. Normalmente o cavalo estará aquecido corretamente nas três andaduras, com extensão e descontração de pescoço, equilíbrio e relaxamento depois de 20 minutos de movimentação (dentro deste contexto está também incluído o trabalho de guia).

Só então ele estará pronto para iniciar o trabalho, dependendo naturalmente do grau de adiantamento em que se encontra, com contato leve mas constante e com a linha superior (pescoço e dorso) mais diminuída e com mais enquadramento. Agora o pescoço não está mais livre, mas procurando gradativamente colocar-se na mão e organizar os seus membros, sua coordenação e trabalhar com seu dorso e pescoço "redondos".

As "rédeas são o prolongamento dos braços", que devem estar corretamente posicionados e o contato é simultâneo nas duas mãos que estão em posição correta. Se é pedida a descontração do maxilar, as mãos (os dedos) se flexionam então alternadamente (como se espremessem uma esponja), pressionando e cedendo.

Toda vez que o cavaleiro sentir que o cavalo cedeu o suficiente e procura com confiança a sua mão, este deve ceder ligeiramente o contato, (abrir os dedos das mãos ou avançá-las) como uma recompensa.

"Certos cavalos (iniciantes principalmente) só conseguem ceder quando se pede uma flexão temporária de pescoço para um lado e depois para o outro - o tempo em que esta flexão é pedida depende de cada cavalo e estágio".

Com a "impulsão ativa e o uso do assento e pernas" o cavaleiro vai trazendo o cavalo para "dentro" de sua mão. Portanto é vital que ele tenha uma boa e calma postura de mãos, com muita sensibilidade e coordenação, também entre o uso do assento e pernas que sempre antecedem a ação das mãos.

Estas não devem ter movimentos bruscos, fortes ou descoordenados, pois o cavalo perderá toda a confiança no seu apoio (normalmente o cavaleiro inexperiente, sem controle ou insensível, tende à dar correções fortes, usando as rédeas com brutalidade). Por outro lado, mãos sem contato nenhum inviabilizam a colocação do cavalo.

Não se deve dar só atenção à ação de mãos, mas também à ação de pernas do cavaleiro. "A maioria dos problemas de contato nas rédeas são devidas ao mau emprego das pernas e assento".

As pernas devem estar bem descidas e descontraídas, sem se mexer, mantendo um leve e contínuo contato quando não acionadas. Um erro grave é o cavaleiro não perceber que apertando as pernas, contrai as suas costas pelo mau funcionamento da cintura.

O uso das pernas é feito com toques rápidos e definidos, porém com o espaço suficiente para que o cavalo entenda e corresponda. Pernas que batem constantemente deixarão o cavalo insensível ou ocasionará perda de ritmo e equilíbrio.

Vale a pena ressaltar que os problemas que o cavalo apresenta na parte anterior (boca, pescoço, ganachas, espáduas) são normalmente o efeito e não a causa do problema.

Procura-se pesquisar se as dificuldades provém de um dorso rígido, da inatividade dos posteriores ou de contração da musculatura devido à tensões ou dor.

Correções:

No caso de cavalos que tendem a ficar "fora e acima da mão" (pescoço invertido e costas côncavas) oferecendo resistência e contração, sem avançar, terão pela frente um trabalho mais demorado, pois é necessário ativar a musculatura não utilizada (a musculatura superior do pescoço e dorso)

O trabalho de guia com "rédeas de atar" (com ajustamento progressivo), ajuda o cavalo a se posicionar e soltar sua musculatura sem o peso do cavaleiro no dorso, ao mesmo tempo que o faz tomar confiança com a embocadura. (As rédeas auxiliares devem ter o efeito de impedir que o cavalo levante demais o pescoço e cabeça - que ele arredonde a nuca porém sem embutir o pescoço).

A boca do cavalo é uma de suas partes mais sensíveis, por isso é necessário examinar a espessura das barras, o comprimento e a largura da boca, para poder escolher a embocadura que lhe convém.

"Um bridão pode ser uma embocadura forte quando um cavalo entra em luta com ele e um freio pode ser brando quando utilizado por uma mão sábia".

"O ensino do cavalo não consiste somente em colocar a cabeça na posição correta, fazendo os movimentos pedidos pelo cavaleiro. É sobretudo transformar um cavalo num corpo descontraído que dá ao cavaleiro as sensações mais agradáveis e com o mínimo de esforço".

Montado, pode-se experimentar este processo:

O cavalo levanta demais sua cabeça e pescoço: Uma das mãos do cavaleiro (a mão de fora, a externa) trabalha como uma "alavanca", bloqueando e impedindo que o pescoço passe de um certo ponto para cima. Simultaneamente a mão interna "resiste" na mesma posição, para que a ação de alavanca da rédea externa tenha êxito. Assim que o cavalo cedeu o pescoço e maxilar, a mão interna alivia o contato, como indicação de que o processo está correto.

Caso não haja relaxamento e apoio correto nos dois lados da embocadura, o cavalo vai balançar a cabeça de um lado para outro, com rigidez e tensão. O pedido de descontração pelas mãos (abrir e fechar de dedos), não deve ser automática e rápida e sim com sensibilidade, sentindo qual o lado que apresenta mais dificuldade.

Simultaneamente a ação de perna é maior do lado em que se apresentar mais resistência. (Trabalhos em círculo ajudam mais neste processo, principalmente na andadura de galope).

Cavalos que tendem à jogar todo seu peso e equilíbrio "sobre as espáduas" demonstram que não estão usando ativamente seus posteriores e sua sustentação.

Neste caso quanto mais forte o contato de rédeas, mais o cavalo deslocará seu peso sobre elas. Um trabalho prolongado, com muitas transições de andaduras e exercícios de encurvatura, fortalecerá a musculatura das costas e dos posteriores, mudando assim gradativamente o centro de gravidade e a leveza dos anteriores .

Outra reação negativa é o "encapotar" - enrolar o pescoço e ficar "atrás da mão". Várias são as causas, como: Uma mão muito forte, embocadura inadequada, fraqueza da musculatura do pescoço, falta de impulsão ou dores na parte anterior.

Neste caso a correção também é mais demorada. O cavalo precisa trabalhar com maior amplitude de pescoço, com mais impulsão, com menos exigências (trote e galope de trabalho e suas transições, em áreas espaçosas e amplas). É um trabalho de paciência e à longo prazo, pois o animal precisa de tempo para ter de novo confiança no contato e fortalecer sua musculatura.